



INTERCÂMBIO

Niilismo e religião na obra Pais e Filhos de Ivan Turguêniev

Nihilism and religion in the work Parents and Children by Ivan Turgueniev

Gilson Xavier de Azevedo*
Simone Maria Zanotto**

Resumo: Este ensaio provém de reflexões realizadas durante o estudo do componente curricular “Religião e Literatura”, cursado na Universidade Federal de Juiz de Fora sob a orientação do professor Jimmy Sudário Cabral, cujo objetivo foi analisar o conceito de niilismo e o seu impacto na reformulação do conceito de religião na literatura russa do século XIX. Justifica-se o presente estudo pela necessidade histórico-crítica de se reconhecer como os termos niilismo e religião aparecem em romances como “Pais e Filhos” de Ivan Turguêniev, escrito entre 1860 e 1862, embora já fosse um conceito presente na Rússia em literaturas secundárias em um período marcante devido ao término da servidão e ao surgimento de movimentos políticos que visavam derrotar o regime autocrático. É nessa obra que o escritor russo lança o termo “niilista” por intermédio do protagonista Ievguêni Bazárov, materialista positivista, opositor da geração de 1840 – os eslavinos idealistas defensores do romantismo – representando a geração dos anos de 1860, crítica dos valores e das convenções sociais. O problema em questão é verificar como está situada a perspectiva niilista e religiosa no enredo. A hipótese é de que o romance pesquisado aborda elementos suficientes para fazer tal análise. Trabalhou-se com a metodologia exploratória de caráter bibliográfico interpretativo, cujas fontes são originais e a análise qualitativa identificaria as teses “niilismo” e “religião” na obra em questão. Indica-se, por resultado, ampliar o debate acadêmico entorno desse escritor.

Palavras-chave: Religião. Niilismo. Literatura russa. Ivan Turguêniev. Pais e Filhos.

Abstract: This essay comes from reflections made during the study of the curricular component Religion and Literature at the Federal University of Juiz de Fora, under the guidance of teacher Jimmy Sudário Cabral, the concept of nihilism and its impact on the reformulation of the concept of religion in 19th century Russian literature. The present study is justified by the historical-critical need to recognize how the terms nihilism and religion appear in novels such as “Parents and Children” by Ivan Turgenev, written between 1860 and 1862, although it was already a concept present in Russia in secondary literatures in a period marked by the end of serfdom and the emergence of political movements aimed at defeating the autocratic regime. It is in this work that the Russian writer launches the term nihilist through the protagonist Yevgeni Bazárov, positivist materialist, opponent of the 1840 generation – the idealistic Slavs defenders of romanticism – representing the generation of the 1860s, critique of social values and conventions. The problem in question is to see how the nihilist and religious perspective is situated in the plot. The hypothesis is that the novel researched addresses enough elements to make such an analysis. We worked with the exploratory methodology of interpretative bibliographic character, whose sources are original and qualitative analysis would identify the theses “Nihilism” and “Religion” in the work in question. It is indicated, as a result, to expand the academic debate surrounding this writer.

* Doutorando em Ciências da Religião (PUC Goiás, Goiânia-GO). ORCID: 0000-0001-5207-1351 – contato: gilsoneduc@yahoo.com.br

** Mestranda em Teologia Pastoral (FTSA, Londrina-PR). ORCID: 0000-0001-5640-9030 – contato: simone.zanotto@seduc.go.gov.br

Keywords: Religion. Nihilism. Russian Literature. Ivan Turgenev. Parents and sons.

Tema do romance

Ivan Sergeiévich Turguêniev faz parte do grupo dos expoentes da literatura russa do século XIX. Nasceu em novembro de 1818 no seio de nobres que se encontravam em estado de falência, de maneira que seu pai era do grupo de nobres empobrecidos, embora fosse oficial de cavalaria. A mãe de Turguêniev, uma grande proprietária de terras, era muito rígida, disciplinava os filhos e os servos com austeridade. Ela ficou viúva quando ele tinha dezesseis anos. Isso influenciou sua concepção existencial e religiosa diante dos problemas que enfrentou desde a mais tenra idade.

Turguêniev estudou em Moscou, São Petersburgo e Berlim, onde conheceu a filosofia de Hegel. Dialogou com intelectuais “progressistas” como Herzen e Bakúnin, que, com efeito, serviu como arquétipo para o protagonista de seu romance *Rúdin* (1856). Mais tarde, já na Rússia, recebeu influência de Bielínski, um crítico literário importante da época. Com isso, sua visão religiosa se amplia para a análise estrutural da ortodoxia católica e apura sua visão de ser humano (Perpétuo, 2021). Ele adquiriu valores ocidentais quando cursou a Universidade de Berlim, em 1838. Nesse período, foi ampliando contato com diversos nomes “do meio literário europeu como George Sand, Flaubert, Merimée, Henry James e muitos outros” (Perpétuo, 2021, p. 95).

O escritor ganhou notoriedade após a publicação de “Memórias de um caçador”, obra que, segundo Bachvarova (2019), acredita-se que “contribuiu para abolição da servidão sob o czar Alexandre II, libertando os servos na Rússia, a exemplo do que o próprio Turguêniev havia feito nos seus domínios, desobrigando da servidão cerca de cinco mil pessoas” (Bachvarova, 2019, p. 8). Nesse mesmo ano, foi exilado em sua propriedade de Spasskoye-Lutovinovo, local em que escreveu “Pais e Filhos” por volta de 1862. A escrita dessa obra aprofundou em discussões que mostram a desvalorização da religião, da arte e da tradição ao utilizar personagens e seus pontos de vista para explorar as tensões entre as gerações e as diferentes perspectivas sobre a vida e a sociedade de seu tempo.

Ainda de acordo com Bachvarova (2019), Turguêniev mantinha sentimento de repulsa e de fascínio por sua pátria, sentimento este de que tanto a política quanto a religião farão uso próprio justificando a visão cultural russa. Em seus romances, retratou muitos problemas vividos pelos indivíduos de sua época, porém os abordou com olhar diferenciado para as verdades sobre a Rússia com vistas a possíveis reflexões, pois havia visto na literatura uma responsabilidade para divulgação de ideias e esperanças da *intelligentsia russa*.

O desenvolvimento do romance foi um ato criativo para Turguêniev, no qual ele ultrapassava os limites da individualidade, enquanto explorava o sentido dos novos valores sociais. Assim, os romances do escritor iluminam a complexa relação entre o indivíduo e a sociedade, retratados através dos seus heróis literários. O romance de Turguêniev é, acima de tudo, um romance social que se transforma em uma crônica artística da vida contemporânea. O aparecimento dos romances de Turguêniev transformou seu autor, segundo Annenkov, “em um ativista político”, ou seja, deu um

significado completamente novo à sua obra literária e engajamento cívico (Bachvarova, 2019, p. 12).

A obra “Pais e Filhos” cumpre esse papel social, pois o escritor apresentou o contratempo da sociedade russa – uma grande ruptura, anterior ao momento da abolição dos servos, que divide gerações. De um lado, temos os “raznotchintsy”, uma geração com jovens de classes sociais de diversas categorias que rivalizavam com os nobres; são chamados de “geração dos filhos” no romance – os homens de 1860. Do outro lado, temos os eslavófilos, a geração dos pais – os homens de 1840 –, que tinham o propósito de manter as tradições conservadoras da Rússia. Nesse contexto, Ivan apresentou uma realidade que foi por ele vivenciada. De modo realista, expõe a divisão e o conflito entre a velha e a nova geração, contudo, enfrenta várias críticas frente à sua abordagem. Aleksandr Hersen (2021), um representante da geração dos pais, em seu texto “Outra vez Basarov”, fez grandes apontamentos sobre a abordagem de Turguêniev.

Como são estranhos os destinos dos pais e filhos! Que Turguêniev não criou Bazárov para passar a mão em sua cabeça, isso é claro; o que ele quis fazer em prol dos pais, isso também é claro. Mas no contato com pais tão deploráveis e insignificantes como Kirsánov, o robusto Bazárov arrastou Turguêniev, e este, em vez de açoitar o filho, vergastou os pais. Disso decorreu que uma parte da jovem geração se reconheceu em Bazárov. Mas nós absolutamente não nos reconhecemos em Kirsánov [...] O Bazárov de Píssariiev, num sentido unilateral, em certa medida é o tipo limítrofe daquilo que Turguêniev chamou de filhos, ao passo que os Kirsánov são os representantes mais apagados e vulgares dos pais. [...] Turguêniev foi mais artista em seu romance do que se pensa, e por isso se perdeu e, na minha opinião, fez muito bem: entrou em uma sala e foi parar em outra, que era ainda melhor (Hersen, 2021, p. 369-370).

Hersen (2021) realizou outras críticas comentando que seria melhor examinar as causas originárias do conflito entre as gerações do que incitar as diferenças por meio do romance. Na visão de Hersen, a morte do protagonista Bazárov pelo tifo, menosprezando o papel da ciência, não fazia parte de um olhar irreal: “falar sobre o niilismo dos jovens ardorosos e leais, que apenas se fazem de céticos desesperados, é um erro grosseiro”, na visão dele (Hersen, 2021, p. 385). Dmitri Pissarev, um crítico representante da geração dos homens de 1840, defende Turguêniev em seu artigo “Bazárov”, ao afirmar que qualquer um da geração nova pode se reconhecer no romance, pois o protagonista é “um representante de nossa nova geração; em sua pessoa estão reunidos todos aqueles traços que se acham espalhados em menor grau entre a massa” (Frank, 2013, p. 250). Nesse mesmo caminho:

Em todas as páginas do romance, o retrato das relações entre as duas gerações pintado por Turguêniev capta habilmente, em diálogos incisivos e astutas observações autorais, toda a gama da oposição que criaram entre si em contatos pessoais e em disputas jornalísticas; e a descrição desse conflito estabelece os termos ideológicos segundo os quais seriam travadas as polêmicas do futuro imediato (Frank, 2013, p. 243).

Dessarte, a temática da obra impactou todos os círculos envolvidos, desde a juventude revolucionária até os intelectuais conservadores, embora os problemas apresentados já ocorressem anteriormente à publicação do autor. Rubens Figueiredo (2011) afirma no prefácio da obra que traduziu:

Esse não era apenas o contexto em que Turguêniev escrevia o seu quinto romance. Era também o seu tema. Pois a singularidade e a audácia de Pais e Filhos consistiram em investigar, em termos literários, um quadro social novo e potencialmente explosivo, no exato instante em que nascia, quando seus contornos e as feições de seus personagens ainda não haviam se definido com clareza. E a circunstância de que os personagens de Turguêniev seriam também os seus leitores mais sôfregos e exigentes prenunciava os conflitos e os desentendimentos que se seguiram à publicação de Pais e filhos — “romance que me privou”, escreveu o autor, “é creio que para sempre, das boas graças dos jovens russos”. Na verdade, os problemas com Pais e filhos começaram antes mesmo de o romance ser publicado. Turguêniev mostrou os originais a alguns amigos e colheu as opiniões mais desencontradas. Um deles recomendou que destruísse os manuscritos, se não quisesse se tornar maldito para sempre entre a nova geração (Turguêniev, 2011, p. 6).

Ainda de acordo com Figueiredo (2011), a publicação da obra dedicada a Vissarion Bielínski gerou a maior polêmica da literatura russa, desde o uso do termo “niilista” até a configuração de cada personagem, pois Turguêniev usava falas dos escritos da juventude de líderes da *intelligentsia* russa. O autor era tachado de covarde pelos “homens de 1860” e suas fotos eram queimadas pelos “homens de 1840” que se sentiram ridicularizados.

O niilismo na obra

De acordo com pesquisas lexicográficas, o termo niilista não foi criado por Turguêniev, mas, de certo modo, já estava presente no repertório da intelectualidade russa para expressar um tipo de comportamento social de uma geração originada das mudanças sociais da “Nova Rússia”. Esses “homens novos” possuíam mentalidades e atitudes divergente nas representações e valores de verdade. Entretanto, Turguêniev “se afirma o criador do termo ‘niilista’, no romance ‘Pais e Filhos’. Entendia, assim, definir o modo de pensar do protagonista do romance, Bazárov, e por meio desse personagem retratar o tipo de pessoa e atitude” (Volpi, 1999, p. 11). Embora não fosse o criador, com a publicação do romance, o termo espalhou-se como um fenômeno. De acordo como Volpi (1999), Turguêniev declarará, em “Memórias Literárias”, várias experiências com o uso da palavra niilista. O autor cita o episódio em que Petersburgo foi incendiada. As pessoas que o encontravam diziam: “Vejam o que fizeram seus niilistas”, ou ainda, “O melhor título para seu romance seria *Nem pais nem filhos*. Por sinal, você mesmo é um niilista” (Volpi, 1999, p. 12-13).

A rejeição do termo mostrava a repulsa pelas ideias que ele representava enquanto crítica social. No início da obra há a definição usada na narrativa. O enredo conta a visita de Arkádi Nicoláievich e de seu amigo niilista, Evguiêni Vassíliev Bazárov, à família. De início, visitam Nicolai Petróvitch Kirsánov e Pável Petróvitch Kirsánov, o pai e o tio de Arcádio, depois visitam a aristocrata Ana Odintsova, por quem Bazárov se apaixona e é rejeitado. A última ocorre ao casal Vassíli e Arina Vassílievna, pais de Bazárov. Durante toda narrativa, há a construção de pontos de vista e perspectiva sobre a tradição, a arte e a religião que expõe, em emaranhados, as duas gerações e seus ideais. Sobre o conceito de niilismo, temos no início do romance um diálogo entre Arkádi e Pável Petrovitch, seu tio:

- *Aí está, aí está. Então aquele médico é o pai dele. Hmm!* — Pável Petróvitch cofiou os bigodes. — *Pois bem, e o próprio sr. Bazárov, o que ele é precisamente?* — perguntou com voz pausada.
- *O que Bazárov é?* — sorriu Arkádi. — *Tio, o senhor quer que eu lhe diga o que ele é, precisamente?*
- *Faça-me esse favor, meu sobrinho.*
- *É um niilista.*
- *Como?* — perguntou Nikolai Petróvitch, enquanto Pável Petróvitch se punha imóvel, a faca erguida no ar com um pouco de manteiga na ponta da lâmina.
- *Ele é um niilista* — repetiu Arkádi.
- *Niilista* — disse Nikolai Petróvitch. — *Vem do latim nihil, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que... que não admite nada?*
- *Digamos: que não respeita nada* — emendou Pável Petróvitch e novamente se pôs a passar manteiga no pão.
- *Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico* — observou Arkádi.
- *E não é a mesma coisa?* — indagou Pável Petróvitch.
- *Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.*
- *E o que há de bom nisso?* — interrompeu Pável Petróvitch.
- *Depende, titio. Para uns é bom, mas para outros é péssimo.*
- *Está muito bem. Mas, pelo que vejo, isso nada tem a ver conosco. Somos gente do tempo antigo, acreditamos que, sem princípios* — Pável Petróvitch pronunciava essa palavra com suavidade, ao estilo francês, ao passo que Arkádi, ao contrário, a pronunciava à maneira russa, “*prínsip*”, acentuando a primeira sílaba — *, sem princípios aceitos, como você diz, com base na fé, não se pode dar nem um passo, nem mesmo respirar. Vous avez changé tout cela, que Deus lhes dê saúde e o posto de general, mas, quanto a nós, nos contentaremos em admirar as futuras realizações dos senhores, os... como os chamou?*
- *Niilistas* — pronunciou com clareza Arkádi.
- *Sim. Antes, foram os hegelianistas e agora são os niilistas. Veremos como os senhores vão viver no vácuo, no espaço sem ar; e agora, por favor, me perdoe, meu irmão Nikolai Petróvitch, está na hora de beber o meu cacau* (Turguêniev, 2011, p. 35-36).

Durante os diálogos seguintes, é perceptível a rejeição dos jovens pela autoridade, pelas artes, pela religião e por tudo que não pode ser comprovado cientificamente ou de modo racional. O termo usado por Turguêniev traz uma nova concepção do olhar do homem sobre o mundo antigo e suas certezas; assim, tem um sentido revolucionário, sobretudo na Rússia czarista. No decorrer do romance, os diálogos vão se tornando mais tensos, pois a juventude deixa claro que não é mais possível manter os princípios antigos, mas deve haver uma abertura a uma nova visão materialista e positivista da sociedade para que ocorra o progresso e a injustiças das diferenças sociais sejam combatidas. Em um outro diálogo, o tio Pável e Bazárov provocam um grande conflito ao divergir sobre a arte:

- *Um químico honesto é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta* — interrompeu Bazárov.
- *Muito bem* — declarou Pável Petróvitch, erguendo bem de leve as sobrancelhas, como se estivesse prestes a pegar no sono.
- *Portanto o senhor não reconhece a arte?* — *A arte de ganhar dinheiro ou de não ter mais hemorroidas!* — exclamou Bazárov, com um sorrisinho debochado.
- *Muito bem, muito bem. Vejo que o senhor prefere fazer troça. Quer dizer, então, que o senhor rejeita tudo? Vamos admitir que seja assim. Nesse caso, o senhor só acredita na ciência?*
- *Já expliquei ao senhor que não acredito em coisa alguma; e o que é a ciência, a ciência em geral? Existem as ciências, como há os ofícios, as técnicas; mas a ciência em geral simplesmente não existe.* (Turguêniev, 2011, p. 42).

Assim, de acordo com Vitor Cei (2011), o enredo de Turguêniev apresenta um niilismo passivo que se caracteriza pela perda dos valores vigentes; contudo, não há um estabelecimento de novos valores. “Enquanto os mais velhos ancoram-se nos antigos valores, os jovens negam tudo e não preconizam nada: Resolvemos não nos dedicar a coisa nenhuma — repetiu Bazárov, com ar soturno” (Cei, 2011, p. 08). Nessa perspectiva, Turguêniev deixa claro, durante o romance, que a nova geração de niilistas não busca apoiar uma causa ou crer em algum princípio, mas ousa divergir e negar o que já existe e não tem utilidade. As discussões, geralmente, ocorrem entre Pável e Bazárov:

- Esta é uma questão inteiramente distinta. Não me compete, agora, em absoluto, explicar-lhe por que fico de braços cruzados, como o senhor houve por bem se expressar. Quero apenas deixar claro que o aristocratismos é um princípio e que, sem princípios, em nosso tempo, só podem viver pessoas imorais ou fúteis. Foi o que eu disse a Arkádi no dia seguinte à sua chegada e repito agora para o senhor. Não é assim, Nikolai? Nikolai Petróvitch fez que sim com a cabeça.
- Aristocratismos, liberalismo, progresso, princípios — dizia Bazárov, enquanto isso.
- Vejam só! Quantas palavras estrangeiras... e inúteis! O homem russo não necessita delas, não as quer nem de graça.
- E do que ele necessita, na opinião do senhor? A julgar pelo que o senhor nos diz, estamos simplesmente fora do âmbito humano, além de suas leis. Queira perdoar, mas a lógica da história exige que...
- Ora, e de que nos serve essa lógica? Podemos passar muito bem sem ela.
- Como assim?
- Assim mesmo, ora. O senhor, eu creio, não necessita da lógica para pôr um pedaço de pão dentro da boca quando tem fome. Para que servem essas abstrações? Pável Petróvitch sacudiu as mãos.
- Não o entendo, depois disso. O senhor insulta o povo russo. Não entendo como é possível não reconhecer os princípios, as normas! Em que o senhor fundamenta suas ações?
- Já lhe disse, titio, que nós não reconhecemos as autoridades — interveio Arkádi.
- Nossas ações se fundamentam naquilo que julgamos útil — declarou Bazárov. — Nos tempos atuais, o mais útil é a negação: nós negamos. (Turguêniev, 2011, p. 68-69).

Em um outro momento da obra, esse aspecto também é reforçado no diálogo entre Arkádi e Bazárov:

- Chega, Evguiêni [...] quem escutar você, hoje, será forçado a concordar com quem nos acusa de ausência de princípios.
- Está falando como o seu tio. Princípios não existem absolutamente, será que você não percebeu isso até agora? Só existem sensações. Tudo depende delas.
- Como assim?
- Muito simples. Eu, por exemplo: adoto uma atitude de negação por causa da sensação. Tenho prazer em negar, o meu cérebro está constituído desse modo, e basta! Por que gosto de química? Por que você gosta de maçãs? Também por causa da sensação. É tudo igual. As pessoas nunca conseguirão penetrar mais fundo do que isso. Não é qualquer um que vai lhe dizer tal coisa e eu mesmo, de outra vez, não o direi mais. (Turguêniev, 2011, p. 166).

Outro fator que a obra aponta como ponto de crítica da declaração dos jovens niilistas de 1860 sobre a geração conservadora de 1840 são os ideais românticos tão presentes e propagados como riqueza de valores tradicionais nos discursos políticos e sociais. No enredo, Bazárov expõe sua repulsa sobre a sensibilidade românica em vários momentos.

- Que coisa extraordinária — exclamou Bazárov —, esses velhos românticos! Domesticam seus sistemas nervosos até um estado de irritação [...] e com isso se rompe o equilíbrio

entre os pratos da balança. Bem, boa noite! No meu quarto há um lavatório inglês, mas a porta não tranca. Mesmo assim, temos de reconhecer [...] um lavatório inglês, isso é um progresso!

— Mas leve em conta a educação que ele recebeu e a época em que viveu — observou Arkádi.

— Educação? — repetiu Bazárov. — Todo homem deve educar-se a si mesmo, ... como eu, por exemplo... E, quanto à época, por que eu deveria depender dela? É melhor que a época dependa de mim. Não, meu caro, tudo isso é leviandade, frivolidade! E o que são essas misteriosas relações entre homem e mulher? Nós, fisiologistas, sabemos que relações são essas. Estude a fundo a anatomia do olho: de onde vem esse olhar enigmático, como você o chamou? Tudo isso é puro *romantismo*, fantasia, podridão, belas-artes. É muito melhor irmos examinar o besouro.

— O seu pai é um bom sujeito — declarou Bazárov. — Mas já é uma carta fora do baralho, para ele a festa acabou.

Nikolai Petróvitch apurou bem os ouvidos... Arkádi nada respondeu. A “carta fora do baralho” ficou imóvel por uns dois minutos e depois, lentamente, arrastou-se de volta para casa.

— Antontem, vi que ele lia Púchkin — prosseguia Bazárov, enquanto isso. — Explique-lhe, por favor, que isso não serve para nada. Afinal, já não é nenhum garoto: está na hora de parar com essas bobagens. E que vontade é essa de ser *romântico* nos tempos atuais? Dê algo de útil para ele ler. (Turguêniev, 2011, p. 31; 51; 64. grifos nossos).

Ao expor as características dos novos jovens no protagonista Bazárov, Turguêniev apresentou um conflito real do cenário russo no campo político e intelectual. No desfecho da trama, o niilista apaixonou-se e se contamina por tifo durante um procedimento de autópsia. Ele é derrotado pelo seu próprio cientificismo, que desqualificou o próprio sentido da vida. De certa forma, a tragédia aponta o posicionamento do autor a favor da geração dos homens de 1840 e seu desejo de reconciliação ou ajuste das duas gerações, pois o final termina com os casamentos de Arkádi (geração dos filhos) e do seu pai Nicolai (geração dos pais).

A religião em Turguêniev

A literatura russa é fortemente alicerçada em concepções místico-religiosas, mesmo antes do advento do cristianismo. Existem em autores como Dostoiévski, em sua busca de fé, Tolstói e toda sua crise espiritual, Turguêniev e a religião como forma de estruturação social, ou mesmo Pushkin em seu simbolismo religioso; elementos de convergências e divergências que permeiam toda a literatura deles (Frank, 1955).

Em sua profunda exploração da psiqué humana, Fiodor Dostoiévski analisa com brilhantismo a questão da existência de Deus e todos os dilemas morais que a isto estão aderidos, o que acaba por espelhar na religião sentimentos de redenção e de desespero (Briggs, 1982).

Num viés próximo, Leon Tolstói, nas obras “Guerra e Paz” (1969) e “Anna Karenina” (1977), vem questionar várias estruturas da igreja, negando que a religião e a moral sejam o centro da existência humana, entendendo que a verdadeira moralidade nasce do homem e não da religião institucionalizada (Firsov, 2018).

Majestosamente, Ivan Turguêniev, em obras como “Pais e Filhos” (1982) e “Nuvens de Outubro” (1969), percebe toda a influência quase weberiana da religião sobre a sociedade, ao analisar as mudanças sociais nos conflitos geracionais envolvendo religião

quando se questiona elementos como fé, sentido existencial e religioso da vida e destino (Smith, 1985; Ivanov, 2001).

Como fundador da literatura russa moderna, Alexander Pushkin incorpora diversos elementos simbólicos em sua obra “Eugene Onegin” (1820). O autor aprofunda temas como amor, redenção e transcendência espiritual a partir da antiquíssima tradição religiosa russa (Bulgákov, 1966).

Assim, percebe-se o grande mosaico de elementos que afloram quase que por capricho na literatura russa, pois, dada a grande tradição ortodoxa, a vida desses escritores – e, mais do que elas, a vida dos cidadãos comuns – estava imiscuída com a vertente religiosa, que, para além de sua grande tradição, teve fortíssima influência sobre os indivíduos desde a adoção do cristianismo ortodoxo em 988 (Jackson, 1981; Zubov, 2010).

Durante o período da União Soviética (1922-1991), o ateísmo foi propagado como política de Estado, algo que não diminuiu e, sim, reforçou a presença religiosa no país. Algo que ocorreu com o colapso da estrutura política vigente, abrindo-se espaço, inclusive, para a pluralidade religiosa, sobretudo do islã, ajudando a formar um novo modelo religioso multifacetado (Firsov, 2018; Hosking, 2005).

Segundo Bachvarova (2019), Turguêniev não se deixava enquadrar pelos rótulos estabelecidos e exigidos das figuras públicas da Rússia no século XX. Em suas reflexões, questionava soluções frente aos problemas sociais. Não defendia uma política radical, acreditava na liberdade e na democracia. “Ele admitia livremente que lhe faltava afinidade com qualquer forma de misticismo, transcendentalismo, experiência religiosa” (Bachvarova, 2019, p. 12). Possuía também uma postura cética sobre o socialismo natural e sobre leis naturais deterministas históricas.

Eu não suporto os céus [...] mas a vida, a realidade, os seus caprichos, a aleatoriedade, os seus hábitos, a sua beleza fugaz... é tudo o que eu adoro. Eu estou ligado à terra.” Ele reverencia a beleza da natureza, mas não o seu “poder ganancioso e egoísta”, a força indiferente, distraída “que cria as estrelas lá em cima e as verrugas na minha pele”, e o rouxinol que derrama sua maravilhosa canção “enquanto um miserável inseto meio-esmagado está agonizando em seu bico”. Turguêniev não tinha religião, mas aprendeu espanhol, por causa de P. Viardot. Confessou a ela sua profunda emoção perante a visão católica de Calderón. Mas isso não servia para ele mesmo: ele se colocava do lado dos que protestam – “Prometeu, Satã, a revolta, a individualidade”. “Eu posso ser nada mais do que um átomo, mas sou o dono de mim mesmo – amo a verdade, não a salvação e espero encontrá-lo na razão, não na graça.” (Bachvarova, 2019, p. 18).

Ao longo do enredo de “Pais e Filhos”, é importante notar que há um respeito aos aspectos religiosos, mesmo diante da postura divergente de Bazárov com os próprios pais. A mãe é uma religiosa fervorosa, e o pai é médico do exército; ambos fazem de tudo para não contrariar e agradar ao filho, pois há um temor em perdê-lo, uma vez que possuem consciência do conflito. No diálogo abaixo entre os pais, é possível notar essa abordagem:

— Ele nos abandonou, nos abandonou — pôs-se a balbuciar —, abandonou; achou maçante ficar conosco. Agora está sozinho, sozinho como um dedo sem os outros! — repetiu algumas vezes e sempre levantava a mão para a frente, com o dedo indicador esticado. Então, Arina Vlássievna aproximou-se dele e, apoiando sua cabeça grisalha na cabeça grisalha do marido, disse:

— O que se há de fazer, Vássia? Um filho é um pedaço cortado de nós. Ele é um falcão: sentiu vontade, voou para cá; sentiu vontade, voou para longe; mas eu e você, como cogumelos no oco de uma árvore, ficamos pertinho um do outro, sem sair do lugar. Só eu vou continuar sempre a mesma para você, assim como você, para mim. (Turguêniev, 2011, p. 175).

Nos momentos finais da morte de Bazárov, Turguêniev constrói o cenário do rito religioso da extrema unção mesmo com o niilista impossibilitado de mostrar qualquer ponto de vista devido à gravidade da doença. É interessante perceber como o pensamento do filho sobre a crença é demonstrado pelos pais, que mantêm a tradição, como aspecto de dever religioso de quem busca a salvação da alma redimida pelo rito.

Acordar já não fazia parte do destino de Bazárov. Ao entardecer, caiu numa inconsciência total e, no dia seguinte, morreu. O padre Aleksei cumpriu os ritos da religião. Quando lhe ministraram a extrema-unção, quando os santos óleos tocaram seu peito, um dos olhos se abriu e, ao que parece, ante a visão do sacerdote com seus paramentos, do incenso fumegante, das velas diante dos ícones, algo como um estremecimento de horror refletiu-se por um instante em seu rosto lívido. Quando, por fim, exalou o último suspiro e, na casa, ergueu-se um lamento geral, um furor repentino apoderou-se de Vassíli Ivánovitch.

— *Eu disse que ia protestar* — gritou, com voz rouca, o rosto afogueado e contraído, brandindo o punho no ar, como se ameaçasse alguém. — *E vou protestar, vou protestar!* Mas Arina Vlássievna, em lágrimas, pendurou-se ao pescoço do marido e, juntos, caíram os dois de joelhos.

— E desse jeito — contaria Anfíssuchka, tempos depois —, baixaram suas cabeças, juntinhas uma da outra, como ovelhinhas ao meio-dia [...] (Turguêniev, 2011, p. 247. Grifo nosso).

Vale ressaltar que o aspecto religioso da Rússia antiga também é retratado por Turguêniev na figura da mãe de Bazárov.

Arina Vlássievna primeiro rezou até fartar, depois conversou demoradamente com Anfíssuchka, que, como que pregada ao chão diante da patroa, cravava nela seu único olho e lhe transmitia, num sussurro misterioso, todas as suas observações e reflexões a respeito de Evguiêni Vassílievitch. Por causa da alegria, do vinho, da fumaça dos charutos, a cabeça da velhinha rodava; o marido tentou falar com ela, mas desistiu. Arina Vlássievna era uma autêntica fidalga russa dos velhos tempos; poderia perfeitamente ter nascido duzentos anos antes, no antigo período moscovita. Era muito devota e sentimental, acreditava em toda sorte de crendices, adivinhações, palavras mágicas, sonhos; acreditava em videntes, em duendes, em silvanos, em maus agouros, em feitiçarias, em remédios caseiros, no sal das quintas-feiras santas, no iminente fim do mundo; acreditava que se, na cerimônia das vésperas no domingo de Páscoa, as velas não apagassem, o trigo-sarraceno cresceria bem, e que os cogumelos não cresceriam mais se fossem vistos por olhos humanos; acreditava que o diabo gosta de ficar onde há água e que todo judeu tem uma mancha de sangue no peito; tinha medo de ratos, cobras, rãs, pardais, sanguessugas, trovões, água fria, vento encanado, cavalos, bodes, gente ruiva, gatas pretas e considerava grilos e cães animais impuros; não comia carne de vitela, de pombo, de lagostim, nem queijo, aspargo, tupinambo, lebres ou melancia, porque uma melancia cortada lembrava a cabeça de são João Batista; e não falava de ostras sem experimentar tremores; gostava de comer bem — e jejuava com rigor; dormia dez horas por dia — e não se deitava, de maneira alguma, caso Vassíli Ivánovitch tivesse dor de cabeça; não lera nenhum livro, exceto Alexis, ou a cabana na floresta, escrevia uma ou, no máximo, duas cartas por ano e, em casa, era perita no preparo de doces em conserva e de frutas secas, embora não tocasse em nada com as próprias mãos e, em geral, só se mexesse a contragosto. Arina Vlássievna era muito bondosa e, à sua maneira, nada tinha de tola. Sabia que, no mundo, havia os senhores, a quem cabia mandar, e o povo simples, a quem cabia servir — e, portanto, não tinha aversão nem ao servilismo nem às reverências exageradas; mas se mostrava afetuosa e dócil com os subordinados, nunca deixava de dar

esmola aos mendigos e nunca repreendia quem quer que fosse, embora às vezes falasse mal da vida alheia. Na mocidade, fora muito bonita, tocava clavicórdio e sabia falar um pouco de francês; mas, durante as demoradas peregrinações em companhia do marido, com quem casara a contragosto, ela engordara e esquecera a música e a língua francesa. Amava seu filho e tinha dele um medo indefinível; deixava a administração da propriedade a cargo de Vassíli Ivánovitch — e já não se inteirava de nada sobre esse assunto: gemia, se abanava com um lenço e, assustada, levantava as sobancelhas cada vez mais alto toda vez que o velho começava a falar sobre as reformas necessárias e sobre seus planos. Era cismada, vivia sempre à espera de uma grande desgraça e chorava toda vez que se lembrava de alguma infelicidade [...] *Hoje, mulheres desse tipo já não existem mais. Só Deus sabe se isso é motivo de alegria!* (Turguêniev, 2011, p. 156-157. Grifo nosso).

Assim, o autor dedica essa longa descrição da personagem apontando suas crenças, suas superstições e características marcantes que mostram as convicções radicais da cultura antiga daquela geração que estava em decadência.

Nota-se que uma religiosidade, mais que uma religião, perpassa na obra “Pais e Filhos”. A mistura de cotidiano, tragédias e caráter se entrecruza na história, de modo que Turguêniev apresenta, no contexto e recorte russo, uma humanidade desencantada, uma vida medíocre, cheia de atropelos e a ausência de uma bengala existencial que dê sentido e compreensão aos problemas da vida. Seja diante da vida, seja diante da morte, não se nota nenhum tipo de esperança, restando aos personagens e a vida dos destinatários, apenas viver essas vicissitudes e desventuras. Estudar a religião na obra em questão indica estudar o vazio como religião, pois, mesmo não havendo algo que dê conta de salvar a existência humana, esta ainda existe como fato e carece de sentido e significado.

Conclusão

O objetivo deste ensaio foi reconhecer como os termos niilismo e religião aparecem no romance “Pais e Filhos” de Ivan Turguêniev, verificando como estão situadas estas perspectivas no enredo. Dessa forma, buscou-se apresentar a temática com fragmento da obra em um viés interpretativo. Contudo, o romance é extenso e há outros aspectos sobre essas perspectivas que não foram citados ou mencionados no texto, pois nosso objetivo não foi esgotar o enredo. Turguêniev foi capaz de apresentar as características que envolvem a ideia dos termos em seu protagonista e personagens de modo caricatural, embora seu objetivo fosse fazer um retrato, uma paisagem de uma realidade que ocorria em toda Rússia. Os dilemas e os paradoxos podem ser notados no texto, que, no desfecho, deixa clara a intenção do autor de que as gerações no seu curso natural sofreriam um ajuste.

Referências

BACHVAROVA, Elitza Lubenova. O Homem de Coração: Reflexões acerca do ducentésimo aniversário de Turguêniev. In: Slovo – Revista de Estudos em Eslavística V. 2 N. 2 Jan. – Jun. 2019.

BRIGGS, A. D. P. Tolstoy's "War and Peace": A Study. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1982.

BULGÁKOV, M. O Mestre e Margarida. Moscou: Editora DEF, 1966.

CEI, Vitor. Nietzsche, Turguêniev e o Niilismo. In. Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia. Volume 03 – Número 07 – Ano 2011.

DOSTOIÉVSKI, F. Os Irmãos Karamazov. Moscou: Editora XYZ, 1980.

FIRSOV, F. Religion in the Soviet Union. Oxford Research Encyclopedia of Communication, 2018.

FRANK, J. Dostoevsky: The Seeds of Revolt. Princeton: Princeton University Press, 1955.

FRANK, J. Dostoevsky: The Seeds of Revolt. Princeton: Princeton University Press, 1955.

HEREN, Aleksandr. Outra vez Bazárov. RUS. v. 12 n. 18. Literatura Russa e Filosofia, 2021

HOSKING, G. Russian Orthodox Church. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IVANOV, A. A. The Religious Question in Turgenev's Prose. Moscow: Academic Press, 2001.

JACKSON, R. L. The Religious Dimension in Russian Literature. Ann Arbor: Ardis Publishers, 1981.

PERPÉTUO, Franco Irineu. Como ler os russos. São Paulo: Todavia, 2021.

PUSHKIN, A. Eugene Onegin. Moscou: Editora Delta, 1820.

SMITH, J. K. Turgenev's Religious Ambiguity. The Russian Review, 44(4), 361-378, 1985. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/20620927>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

TOLSTÓI, L. Guerra e Paz. São Petersburgo: Editora ABC, 1869.

TURGUÊNIEV, Ivan. Nuvens de Outubro. Moscou: Editora Beta, 1869.

TURGUÊNIEV, Ivan. Pais e Filhos. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia da Letras, 1962.

VOLPI, Franco. O niilismo. São Paulo: Loyola, 1999.

ZUBOV, N. Holy Russia, Sacred Israel: Jewish-Christian Encounters in Russian Religious Thought. University Park: Penn State University Press, 2010.

Recebido em: 27/04/2023

Aprovado em: 16/11/2023

Editor responsável: Fábio L. Stern